

Salomé

Luiz Otávio Dobal

Acordou outra vez com aquele nome ressoando dentro da cabeça: Salomé... No primeiro dia em que aquilo aconteceu não deu muita importância, porque apesar do nome ficar durante boa parte do dia balançando de um lado para outro no seu cérebro, como se fosse uma bola de pinball que, voluntariamente, evita decretar o fim do jogo, ele conseguiu ignorar.

Mas uma semana já era demais; a repetição era tamanha que praticamente o obrigava a se perguntar: diacho, de onde viera aquele nome e porque se repetia em sua mente? Salomé...

Por volta das onze horas lembrou-se do sonho. Na verdade, não se lembrou exatamente; lembrou-se que tivera um sonho e que aquele nome insistentemente repetido fazia parte dele, do sonho, é claro!

Não, nada estava claro. Salomé... Junto com a lembrança – do sonho – veio a frase onde aquele nome se encaixava. Mas que frase? Que semana? Que sonho? Calma! Uma pergunta de cada vez! Afinal ele está com um nome rodopiando dentro da cabeça, essas coisas podem deixar um sujeito louco. Se não louco, no mínimo confuso.

“Quando ele perguntar, você diz que se chama Salomé”. A frase! Esta é a frase! E a semana era a maldita semana que começou na sexta-feira passada, quando pela primeira vez havia sonhado. Agora se lembrava claramente do sonho. Também já era quinta-feira, havia passado sete dias sonhando a mesmíssima coisa, já havia passado da hora de lembrar. Não fora um grande sonho, era até idiota, mas todos os sonhos são assim, afinal são apenas sonhos. Era um sonho em que um atendente no balcão do aeroporto perguntava seu nome; a seu lado na fila de embarque, dois anões vestindo ternos cor de rosa, gravatas azuis e gorros com pompons amarelos na cabeça, repetiam em coro a droga da frase: “Quando ele perguntar, você diz que se chama Salomé”.

Foi uma semana infernal, tudo que fez deu errado. Perdeu negócios, brigou com o sócio, com a namorada e estava de novo com aquela velha e insistente dor no peito. Precisava ver um médico.

Depois, porque agora precisava embarcar. Estava no aeroporto e atrasado. Correu para o embarque, mas ao entrar, um homem com bigodes fora de moda vestindo um terno verde musgo, levantou a mão espalmada em sua direção e perguntou com voz cavernosa: “Qual o seu nome?”.

Era o sonho! Estava acontecendo! A dor no peito aumentou. Pensou em olhar para o lado, mas não teve coragem. Temia ver os anões. O estranho homem, insistente repetiu: “Qual o seu nome?”.

Ele respondeu gritando: SALOMÉ!!! Não teve como evitar. O sonho, a frase, a repetição constante, a dupla de anões, a dor no peito. Tudo o levou a repetir automaticamente, aquele nome: SALOMÉ!!!

Não queria dizer, não de chamava Salomé, não queria obedecer aos anões, mas de tanto reprimir, aquilo saiu como uma rolha de champanhe voando em direção ao seu interlocutor: SALOMÉ!!!

Ficou esperando uma reação espantada, mas o atendente simplesmente sorriu e virou-se para a direita onde havia um painel, procurou sem muita convicção um botão verde e o pressionou. Imediatamente um raio alaranjado surgiu do nada, voou em sua direção e o atingiu: ZAP!

Instantaneamente Salomé desapareceu.